

Ex.^{mo} Sr. Presidente da Academia Nacional de Medicina, Acadêmico Aloysio de Salles Fonseca,
Ilustres componentes da mesa,
Meus colegas da Academia,
Senhoras e senhores,

Reúne-se a Academia Nacional de Medicina, nesta noite de júbilo, para, em sessão solene, dar posse a mais um Membro Titular: o Dr. Claudio Cardoso de Castro, que passa a ocupar a cadeira de número 74, na Secção de Cirurgia, decorrente da passagem a Membro Emérito do Acadêmico João Cardoso de Castro.

Em uma Associação, na qual a tradição vem sendo mantida, ano após ano, por quase dois séculos, temos um motivo a mais para comemorar: o empossado passa a suceder seu pai, ilustre cirurgião, Professor Catedrático, grande cultor da língua portuguesa e exemplo maior de cavalheirismo. Alguém que muito se dedicou a esta Casa, aqui pontificando por alguns decênios, mas que, devido à saúde abalada e para nossa infelicidade, não pode estar presente nesta solenidade.

Ao ser convidado para saudar o novo confrade, refleti: por que fui eu, o escolhido para tão honrosa e gratificante missão?! É de praxe que os paraninfos não se julguem merecedores de tal distinção. Recordo-me de fato narrado por Amaury Marcello: *“ao ser recebido, na Academia Brasileira de Letras, em 1922, Constâncio Alves relembrou, com muita graça, o discurso de Edmond Rostand em sua posse na Academia Francesa. O autor de Cyrano de Bergerac revelou aos seus pares que se dera ao trabalho fatigante de pesquisar os preâmbulos de todos os discursos de seus antecessores, num período de 250 anos. Verificou, então, que chegara tarde demais para encontrar uma forma original de parecer modesto. Era sempre de norma que os recipiendários se declarassem imerecedores da láurea que recebiam. Chegava-se assim a duas ordens de conclusão: ali só existiam acadêmicos e todos eram modestos”*. Em meu íntimo, no entanto, sua opção é mais do que justa. Ela reflete uma amizade profunda e sem interesse e, em nosso caso, fortemente arraigada pela de nossos pais.

Claudio Cardoso de Castro vem juntar-se a dois expoentes da Cirurgia Plástica em nosso meio: os Acadêmicos Talita Franco e Ivo Pitanguy, este último, mestre dos dois e, sem dúvida, vulto de maior renome mundial na especialidade.

O currículo do novo acadêmico justifica plenamente o objetivo hoje alcançado. Nos primeiros anos da Faculdade Nacional de Medicina, onde ingressou em 1961, já demonstrava interesse pela Cirurgia e, para tanto, com a orientação experiente de seu pai, tornou-se monitor voluntário da Cadeira de Anatomia por quatro anos consecutivos.

Em 1966, ano de sua formatura, sob orientação e chefia de João Cardoso de Castro, cumpriu internato no Serviço de Cirurgia Geral do Hospital Estadual Getúlio Vargas, onde também realizou sua Residência Médica nos dois anos seguintes. Ao término desse biênio, no início de 1969, ingressou na Carreira Universitária, sendo nomeado Auxiliar de Ensino da Cadeira de Anatomia Humana da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, sob a chefia do Professor Eurys Maia Dallalana.

Concomitantemente, e tendo decidido tornar-se cirurgião plástico, complementou sua formação com mais três anos de Residência Médica na Pontifícia Universidade

Católica, Serviço do Acadêmico Ivo Pitanguy, finalizando-a em 1971 e aí permanecendo, como instrutor, por dois anos.

Em 1973, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi transferido para a Cadeira de Cirurgia Geral no Hospital Universitário Pedro Ernesto, então sob a regência dos Professores Mariano Augusto de Andrade, João Cardoso de Castro e Humberto da Silva Peixoto, ocasião em que foi criado o Setor de Cirurgia Plástica, passando a exercer, desde aquela data, sua chefia.

Em 1985, com tese denominada “Ritidoplastia Cérvico-Facial”, obteve o título de Mestre pela Pontifícia Universidade Católica.

Em 1986, ascendeu ao posto de Professor Assistente e, em 1989, após brilhante concurso para Livre-Docência, defendendo tese sobre “Cirurgia e Rejuvenescimento Facial - Terço Inferior da Face e Pescoço”, tornou-se Professor Adjunto.

Em 1997, o Setor de Cirurgia Plástica foi transformado em Disciplina e, em 1999, foram criadas as Unidades de Docentes Assistenciais, sendo nomeado Chefe de Cirurgia Plástica da UERJ. Esse ato veio comprovar a relevância da especialidade, estando seu Serviço credenciado pela Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica e pelo Ministério da Educação a formar residentes e ministrar cursos de especialização.

Sua atuação, junto ao órgão nacional de maior representatividade da especialidade, a Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica é marcante, tendo sido Diretor do Departamento de Eventos Científicos, Presidente da Regional do Rio de Janeiro e Editor Científico da Revista, além de ter colaborado diretamente para a organização e coordenação de 21 cursos no Brasil.

Como Professor, sua atividade impressiona pelo volume e qualidade das atuações. Foi relator em 127 mesas redondas, das quais 45 no exterior; apresentou 123 temas livres e ministrou 75 aulas no Brasil e em cidades como Nova York, Dallas, Nice, Berlin, Paris, Montreal, Roma, São Francisco, Buenos Aires, Atenas e Casablanca.

O número de publicações também é extenso, com 88 trabalhos dos quais 28 em revistas estrangeiras; sete capítulos em livro e duas teses, já mencionadas. Neste quesito, sua maior contribuição é, sem dúvida, o livro “Cirurgia do Rejuvenescimento Facial”, obra de referência nacional e internacional.

É membro das mais prestigiosas associações médicas no Brasil e no exterior como o Colégio Brasileiro de Cirurgiões, Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica, American College of Surgeons, American Society for Plastic Surgeons, American Society for Aesthetic Plastic Surgeons, International Society of Aesthetic Plastic Surgery, entre outras.

Este resumo, ora apresentado, das atividades de nosso homenageado nos remete à reflexão da abrangência da especialidade em questão. Embora só tenha sido aceita como ramo bem definido da cirurgia, na Inglaterra, há cerca de sete décadas, sua origem remonta, provavelmente, a milênios antes de Cristo, quando, aos hindús, de acordo com as leis de Manu, era permitido que os maridos ultrajados, amputassem os narizes das esposas adúlteras. Já naquela época, a rinoplastia e a arte do enxerto foram levadas a um grau de quase perfeição.

Em período mais recente, durante o Renascimento, no ano de 1442, Branca, cirurgião siciliano, nascido em Catania, idealizou técnicas cirúrgicas para reconstrução de narizes lesionados de maneira considerável, em duelos, utilizando retalhos de tecidos de braço do próprio ferido, ou de matéria obtida de corpos de escravos.

No entanto, o maior impulso nesta área cirúrgica ocorreu durante a Primeira Grande Guerra Mundial, em 1914. Os conhecimentos adquiridos no tratamento de mutilados difundiram-se por toda a Europa, atingindo outros continentes e revelando sua importância.

Nos dias atuais, a Cirurgia Plástica, palavra originária do grego *plastikos* e que significa formar-modelar, compreende dois grandes ramos que em certas circunstâncias podem se superpor: Cirurgia Reparadora ou Restauradora e Cirurgia Estética ou Corretora. Ao primeiro grupo cabe repor matéria perdida e restaurar funções de órgãos, dois de seus exemplos maiores são os reimplantes de membros e os enxertos livres de pele, obtidos através de cultura celular; e ao segundo resgatar o que o tempo vai nos subtraindo pouco a pouco tal como o fulgor da pele e a correção de defeitos evolutivos de nossa anatomia externa.

Certa vez, ouvi um colega dizer que a Cirurgia Plástica restringir-se-ia a procedimentos realizados no tecido celular subcutâneo e pele. Quanta desinformação e quanta insensatez! Creio no entanto que, mesmo nas menores intervenções, o cirurgião plástico atinge o que de mais profundo existe no ser humano - sua alma - proporcionando aos seus pacientes o sonho da juventude perene. Juventude perene?! Será que ela existe?! O que é ser jovem? Cito, a propósito, reflexões, ou melhor dizendo, “*poesia*”, do General Mac Arthur, escrita em 1945, e que se intitula: “Ser Jovem”:

“A juventude não é um estado da vida, ela é um estado de espírito, um efeito da vontade, uma qualidade da imaginação, uma intensa emoção, uma vitória da coragem sobre a timidez, do gosto da aventura sobre o amor indiferente.

Não nos tornamos velhos por termos vivido um certo número de anos; tornamo-nos velhos porque desertamos de nossos ideais. Os anos enrugam a pele. renunciar aos ideais enruga a alma. As preocupações, as dúvidas, os temores e os desesperos são os inimigos que, lentamente, nos fazem inclinar em direção à terra e nos tornarmos pó antes da morte.

Jovem é aquele que se extasia e se maravilha. Ele solicita, como a criança insaciável; e depois? Ele desafia os acontecimentos e encontra a alegria no jogo da vida.

Voce é tão jovem quanto sua fé, tão velho quanto sua dúvida; tão jovem quanto sua esperança, tão velho quanto seu abatimento.

Você permanecerá jovem enquanto permanecer receptivo ao que é belo, bom e grandioso; receptivo às mensagens da natureza, do homem e do infinito.

Se, um dia, seu coração for oprimido pelo pessimismo e atormentado pelo cinismo, aí sim, possa Deus ter piedade de sua alma de velho”.

Estas belas palavras nos induzem a um pensamento maior; apesar dos recentes e importantes progressos na medicina, que culminaram com a descoberta do genoma, e todas suas implicações positivas e negativas, não podemos esquecer que o fundamental na medicina é fazer o bem com ética e da melhor forma possível, como bem sintetizou Murri: “*Se puderes curar, cura; se não puderes curar, alivia; se não puderes aliviar, consola*”.

Meu caro Claudio: um homem não se faz sózinho. Seu pai, que também considero como de minha família, foi meu padrinho de casamento e de minha irmã, e recebeu, certa vez, de meu irmão, carta dizendo que se não tivesse o pai que tinha, gostaria que ele o fosse. É um grande homem, homem de bem, porém homem modesto, o que não o desmerece em nada, pois segundo La Bruyère “*a modéstia é para o mérito o que são as sombras para as figuras de um quadro: dá-lhes força e relevo*”. Sua mãe Yedda, aqui presente para gáudio de todos, foi fundamental na formação de seu caráter e integridade moral. Seus irmãos Fernando e Márcia, sua esposa Cristina e seus filhos Letícia, Rodrigo e Gustavo complementam esse sólido elo familiar.

Meu amigo Claudio: escrever sobre alguém pode ser, ao mesmo tempo difícil e fácil. Difícil, quando nos referimos a uma pessoa que não conhecemos bem ou por quem não temos empatia; fácil, quando transportamos ao papel, escrevendo com a pena da alma e a tinta do coração, nosso sincero sentimento de afeição e admiração. Sem dúvida, encontrei-me nesta segunda condição.

Acadêmico Claudio Cardoso de Castro: os fatos aqui relatados, pela exigüidade de tempo, não exprimem tudo de bom que sua personalidade e atividade profissional encerram. A Academia Nacional de Medicina acaba de enriquecer suas fileiras com sua admissão. Que a felicidade deste dia norteie sua trajetória nesta Casa que lhe abre as portas. Seja benvindo.